

## Cantos de um cabra da peste, de um cabra do Ceará

Douglas Moreira<sup>1</sup>

Eu lia Ispinho e Fulô / Num pude pará as mão / Agora escrevo com vigô / Com munta relização / Num tenho em mim Assaré / Mesmo assim vou começá / Dizê pros home e pras muié / Qué que um fez sem istudá / O Patativa era pequenino / Não fico parado não / Virou um dos maió nordestino / O cantô do grande sertão.

Quando você lê Patativa do Assaré, cria logo ritmos mentais para acompanhar as palavras que vão passando aos olhos. Os poemas são assim: música. E não daquele uso ordinário, comum em muitas produções do chamado mundo “moderno”. Bem ao contrário, a poesia do cearense transpira vida. É um concerto de falas, em que tempo e rima seguem perfeitos do início ao fim.

Publicado pela Editora Hedra dentro da Coleção de Literatura Popular, *Ispinho e Fulô* (2005) reúne alguns dos textos mais conhecidos do poeta. É o caso de “A Triste Partida”, poema que foi divulgado na voz de Luiz Gonzaga. Ele conta a história de uma família sertaneja que vai para São Paulo fugindo da seca: “Nós vamo a Sã Paulo, que a coisa tá feia, / Por terras alêia / Nós vamo vagá. / Se o nosso destino não fô tão misquinho, / Pro mermo cantinho / Nós torna a vortá” (p. 47). Eles não voltam, e este é um dos temas recorrentes na poética de Patativa. “Eu vejo que munto peço / Dêxei meu torrão querido / Pra vivê nos inteleco / Deste Brasi desmedido / Quage na extrema da estranja / Onde o pobre não arranja / Um jeito para vortá / Minha sentença é de réu, / Sei que daqui vou pro céu / Sem vê mais meu Ceará” (p. 207), chora o poeta em “Um cearense desterrado”.

O segundo poema do volume é o que lhe dá título: “Foi o autô da Natureza / Com o seu pudê e grandeza / Quem traçou nosso caminho / Cada quá na sua estrada / Tem nesta vida penada / Pôca fulô e muito ispinho” (p. 25). Nele, Patativa narra a trajetória das pessoas, desde o nascer, crescer “vendo os ispinho omentando / E as fulô diminuindo”, namorar, casar, ter filhos, separar, trabalhar... até “a derradêra furada / Do ispinho da nossa vida”. Outros textos antológicos são “Vicência e Sofia ou O castigo de mamãe”, “O meu livro”, “Lição do pinto” e “Saudação ao Juazeiro do Norte”.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). E-mail: [douglasmoreira@gmail.com](mailto:douglasmoreira@gmail.com)

Prefaciado por um depoimento concedido ao ensaísta e cineasta Rosemberg Cariry em 1979, “Ispinho e Fulô” foi editado pela primeira vez em 88, através da Imprensa Oficial do Ceará (IOC). Nesse depoimento, o Patativa poeta, cantor e agricultor, conta como começou a produzir e do que se utilizou para sobreviver. “Eu sou um caboclo roceiro que, como poeta, canto sempre a vida do povo”, relata.

Antônio Gonçalves da Silva nasceu na Serra de Santana, distante 18 km da vila que lhe completaria o nome – Assaré. Era 5 de março de 1909 quando os pais, Pedro e Maria, viram pela primeira vez aquele que se tornaria um dos maiores nomes da literatura nordestina. Interessado nos folhetos de cordel que acompanhava circular, foi à escola durante apenas quatro meses, porque “o professor era muito atrasado, embora muito bom, muito cuidadoso, mas o coitado não conhecia nem sequer a pontuação” (p. 9).

Avesso a isso, e por demonstrar uma enorme intimidade com a linguagem, chegou a receber o título de doutor “honoris causa” por universidades da região. A alcunha por que é conhecido remete a um pássaro sertanejo de canto aprazível, a patativa. Foi-lhe dado pelo jornalista e escritor cearense José Carvalho de Brito, que comparou aquele canto aos versos do então homem de 20 anos.

Patativa não escreve, canta. Até falecer, em 8 de julho de 2002, falou por rimas exatas sobre a vida e a morte dos seus nordestinos, companheiros de luta e de sofrimento. Cego total de um olho e parcial do outro, com um tanto de surdez e usando perna mecânica, compôs uma obra muito diversa e extensa, deu nome a ruas, escolas, centros acadêmicos e um grupo de tradições nordestinas, além de ganhar um museu e memorial.

A oralidade é a característica fundamental da poesia em “Ispinho e Fulô”. Utilizando-se de diálogos dentro – seja com o leitor, seja com personagens – e entre os poemas – como no caso das cartas entre Patativa e o padre Antônio Vieira –, o cantor mostra o cotidiano da sua gente, através de vozes do próprio povo, revelando alguns aspectos bonitos (como a solidariedade) e muitos odiosos (como a falta de terra ou o preconceito racial).

É literatura de resistência, de protesto contra a indiferença e o descaso da política nacional, conforme se observa em dois poemas. O primeiro, “O boi Zabu e as formiga”, é uma fábula sobre um boi que se deita à sombra de um juazeiro, em cima de um formigueiro, e é atacado pelas formigas: “Neste meu poema novo / O boi zebu qué dizê /

Que é os mandão do podê, / E estas formiga é o povo” (p. 45). No segundo, “Nordestino, sim, nordestinado, não”, Patativa diz que “já sabemos muito bem / De onde nasce e de onde vem / A raiz do grande mal, / Vem da situação crítica / Desigualdade política / Econômica e social” (p. 40). Ao mesmo tempo em que defende a reforma agrária, clama pela igualdade e critica os políticos que só aparecem nas épocas de eleição, o livro também trata de referências históricas, preserva a esperança na religião e cuida do amor e da natureza.

As gravações dos poemas por diversos músicos – dentre os quais estão Luiz Gonzaga, Pena Branca e Xavantinho, Mastruz com Leite, Fagner e Sérgio Reis – foram os responsáveis pelo nome de Patativa ultrapassar o Ceará. Até na Universidade de Sorbonne, na França, o poeta passou a ser estudado, a partir da década de 70. Entretanto, a literatura popular nordestina ainda não é muito difundida em outras regiões do Brasil, especialmente nos estados do Sul, mas existem grupos de pesquisadores e apreciadores que tentam reverter essa situação, difundindo aquelas produções. Nesse sentido, passo importante foi a inclusão do livro “Cordéis e outros poemas” – de Patativa do Assaré, organizado pelo professor Gilmar de Carvalho –, na lista das leituras indicadas para o concurso vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2006.

Sobre o estilo de construção da literatura em *Ispinho e Fulô*, quem nunca leu esse tipo de poesia pode estranhar bastante no começo. Porém, depois de algumas poucas páginas, o leitor já está até pensando naquele ritmo. E depois é “naturá” que fique “de vera” querendo escrever igual ao pássaro do Assaré...

ASSARÉ, Patativa do. *Ispinho e Fulô*. São Paulo: Hedra, 2005. 309 páginas.